



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
CAMPUS I**

LIBERATO EPITÁCIO DE SOUSA DA SILVA

**DEBATENDO A VIOLÊNCIA E SUAS FORMAS A PARTIR DO ESPAÇO ESCOLAR
E LUGAR DE VIVÊNCIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO SUBPROJETO
GEOGRAFIA/PIBID/UEPB**

**CAMPINA GRANDE
2017**

LIBERATO EPITACIO DE SOUSA DA SILVA

**DEBATENDO A VIOLÊNCIA E SUAS FORMAS A PARTIR DO ESPAÇO ESCOLAR
E LUGAR DE VIVÊNCIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO SUBPROJETO
GEOGRAFIA/PIBID/UEPB.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia em forma de monografia apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Graduado em Geografia.

Orientadora: Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Liberato Eptacio de Sousa da.
Debatendo a violência e suas formas a partir do espaço escolar e lugar de vivência [manuscrito] : experiência a partir do subprojeto Geografia/PIBID/UEPB / Liberato Eptacio de Sousa da Silva. - 2017.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. PIBID. 2. Ensino de Geografia. 3. Violência. 4. Lugar de vivência.

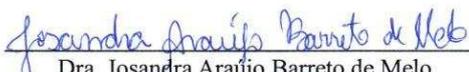
21. ed. CDD 910

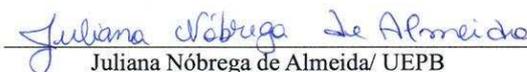
LIBERATO EPITACIO DE SOUSA DA SILVA**DEBATENDO A VIOLÊNCIA E SUAS FORMAS A PARTIR DO ESPAÇO ESCOLAR
E LUGAR DE VIVÊNCIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO SUBPROJETO
GEOGRAFIA/PIBID/UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia em forma de monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Graduado em Geografia.

Aprovado em: / / 2017

BANCA EXAMINADORA:


Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo
Orientadora


Juliana Nóbrega de Almeida/UEPB
Mr Co Orientadora


Leônidas Siqueira Duarte - Especialista/UFPB
Examinadora


Dra. Joana D'Arc Araújo Ferreira/UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, e por realizar um sonho que era entrar na Universidade e poder concluí-la.

A Minha família pelo apoio na caminhada dessa conquista, me apoiando em todos os momentos.

Aos professores do curso de Geografia da UEPB pela contribuição com aulas, debates, palestras e congressos para a minha formação acadêmica.

Aos colegas do Curso de Geografia da UEPB, pelos quatro anos de companheirismo, amizades e troca de conhecimentos.

As professoras Josandra Melo e Juliana Nóbrega do curso de Geografia da UEPB Campus I, pela grande contribuição na minha formação, tanto profissional como pessoal. Toda gratidão, admiração e respeito pelas grandes profissionais, que são referência a serem seguida. O meu eterno agradecimento.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela oportunidade de participação e aquisição de tantos conhecimentos.

A equipe do PIBID Subprojeto Geografia da UEPB Campus I, pelas experiências adquiridas e compartilhadas para o meu crescimento acadêmico e profissional.

A Escola Estadual Assis Chateaubriand pela recepção, atenção e acolhimento durante todo o tempo de desenvolvimento e realização do Projeto PIBID.

Aos amigos de curso, que estiveram presentes em toda caminhada contribuindo, assim, para meu crescimento profissional e pessoal. Em especial a Jéssika Mírrlla e Gislayne Barbosa que, por dois anos de participação no projeto PIBID, foram de suma importância para a construção de laços afetivos e crescimento intelectual.

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é apresentar e analisar os resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto de intervenção “Debatendo a violência e suas formas, a partir do espaço escolar e lugar de vivência”, desenvolvido no contexto das aulas de Geografia, no 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Assis Chateaubriand, localizada na cidade de Campina Grande, PB. A temática escolhida tem se mostrado bastante relevante para o meio social em que os alunos da respectiva escola estão inseridos, haja vista que a zona leste da cidade de Campina Grande apresenta altos índices de violência urbana, como em diversas espacialidades da cidade. Associado a isso, tal temática também fazia parte do Projeto Político Pedagógico - PPP da Escola, no ano de 2015, havendo por parte da instituição uma preocupação com os índices de violência do setor, importando em trabalhar a temática no âmbito escolar, de forma a contribuir para a minimização do problema. A partir da preocupação com a espacialidade dos fenômenos no espaço geográfico, elegeu-se a categoria lugar para ancorar a discussão da temática violência, haja vista esta ser interdisciplinar e, para que seja abordada na Geografia, necessário se faz a sua espacialização. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, apoiada nas técnicas da pesquisa ação, realizada a partir da participação do bolsista enquanto agente da pesquisa, na medida em que ministrou aulas expositivas e dialogadas e utilizou diversas estratégias para despertar o interesse dos alunos no decorrer do desenvolvimento do projeto. Após a participação relevante dos alunos, foi possível concluir que eles tinham consciência sobre a temática violência e sua inserção no lugar de vivência e na própria cidade de Campina Grande, mas não com um olhar mais aprofundado, o que fez com que o trabalho desenvolvido tenha se mostrado profícuo no contexto das aulas de Geografia, mas que requer continuidade, haja vista a violência ser tema de maior importância na sociedade atual e, na maioria das vezes, vem até comprometendo a relação do indivíduo com o seu próprio lugar de vivência.

Palavras-chave: PIBID. Ensino de Geografia. Violência. Lugar de vivência.

ABSTRACT

The objective of this work is to present and analyze the results obtained from the development of the intervention project "Debating violence and its forms, from the school space and place of living", developed in the context of the Geography classes, in the 3rd year of the Secondary School of the State School Assis Chateaubriand, located in the city of Campina Grande, PB. The chosen theme has been very relevant for the social environment in which the students of the respective school are inserted, since the eastern zone of the city of Campina Grande presents high rates of urban violence, as in several city spaces. Associated to this, this theme was also part of the Political Educational Project - PPP of the School, in the year 2015, having the institution's concern with the violence indices of the sector, importing in working on the theme in the school scope and to contribute to the minimization of the problem. From the preoccupation with the spatiality of the phenomena in the geographic space, the place category was chosen to anchor the discussion of the subject of violence, given that it is interdisciplinary and, for it to be approached in Geography, it is necessary to do its spatialization. Methodologically, this qualitative research, supported by the techniques of action research, was carried out based on the participation of the researcher as agent of the research, in that it taught lectures and dialogues and used several strategies to arouse the interest of the students during the course of the research. project development. After the relevant participation of the students, it was possible to conclude that they were aware of the issue of violence and its insertion in the place of living and in the city of Campina Grande, but not with a deeper look. has proved to be profitable in the context of Geography classes, but it requires continuity, since violence is a major issue in today's society and, in most cases, it even compromises the individual's relationship with his or her own place of living.

Keywords: PIBID. Teaching Geography. Violence. Place of living.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Localização da Escola Estadual Assis Chateaubriand.

Figura 2: Fachada da Escola.

Figura 3: Caracterização da Escola.

Figura 4: Aula com a utilização de Slides.

Figura 5: Utilização de Músicas e Poemas.

Figura 6: Apresentação dos Trabalhos.

Figura 7: Utilização de Imagens e Tirinhas.

Figura 8: Realização da Produção Textual.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	8
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1- O Ensino de Geografia no Brasil: Possibilidades e limitações.....	11
2.2- Estratégias para dinamizar o ensino de Geografia, recursos e metodologias.....	18
2.3- A violência enquanto tema a ser tratado no contexto social e escolar.....	21
3- METODOLOGIA.....	25
4- RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6- APÊNDICE.....	36
7- REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

A partir da categoria geográfica lugar, que na perspectiva humanística da Geografia é associada ao espaço de vivência, valores, identidade e afetividade do indivíduo, busca-se neste trabalho abordar o cotidiano e as diferentes formas de violência inseridas no lugar de vivência dos alunos, como violência física, assassinatos, violência ambiental, patrimonial, psicológica, violência contra a mulher, entre outras, procurando inserir tal temática como uma problemática a ser debatida em sala de aula.

Diante das práticas culturais construídas e desenvolvidas pelo ser humano, dentro de um determinado espaço e tempo, o mesmo constrói e delimita seu lugar, sua capacidade de criação de símbolos e identidades. Segundo Tuan (2013, p.13), “a cultura é desenvolvida pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos.”.

Uma das práticas culturais desenvolvidas desde a antiguidade até os dias atuais pelo homem é a violência, visto que os seres humanos usavam para se protegerem e se defenderem de possíveis predadores. Com o desenvolvimento da civilização até os dias atuais, a prática de violência tornou-se crime perante a sociedade e surgiram punições com a existência de leis. Segundo Ferreira (2001, p.712), violência é: 1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar.

A baixa perspectiva de vida, o desemprego, o analfabetismo e a falta de infraestrutura nos grandes centros urbanos, influenciam diretamente no desenvolvimento social e psicológico dos jovens, levando-os para as margens da violência e da criminalidade, visto que é nos grandes centros urbanos e nas periferias onde mais se manifesta a violência. Acerca do tema, é pertinente citar Lana de Sousa Cavalcante quando analisa que:

Por exemplo, quando se pensa na violência urbana e em um grupo de jovens que a pratica, procura-se levantar os fatores que podem explicá-la: por um lado, pouquíssima gente em idade jovem está estudando e termina efetivamente o ensino médio e muitos não têm emprego (pelos dados do PNAD/IBGE, a taxa de desocupação no Brasil, em 2004, foi de 11, 5%). Por outro lado, muitos desses jovens moram nas periferias dos grandes centros: sem infraestrutura, sem área de lazer, sem espaços públicos adequados para acolhê-los, com deficiência de escolas públicas (CAVALCANTI, 2007, p.10).

Com base nas dificuldades enfrentadas pela população que ocupa os espaços menos favorecidos dos grandes centros urbanos, conforme a citação anterior, se faz necessário refletir sobre as diversas causas da violência, suas práticas e suas consequências no meio

social, bem como conscientizar os jovens sobre seu papel na sociedade, enquanto sujeitos ativos, que tem direitos e deveres que devem ser cumpridos e respeitados.

Adicionalmente, acredita-se que o espaço escolar é bastante oportuno para o desenvolvimento de uma discussão acerca da temática em pauta, haja vista serem as escolas que se têm espaços diversificados, tanto culturais como social, onde se debatem temas relevantes do cotidiano e da sociedade, possibilitando oportunidade de trocas de conhecimentos e aprendizagens entre alunos e professores, dando autonomia ao aluno de ser o construtor do seu próprio conhecimento, segundo Freire (1996):

(...) Se faz necessário na escola, uma prática Pedagógica participativa dialógica e democrática, ressaltando que a aprendizagem deve sempre desenvolver competências e habilidades a fim de que o educador e o educando entendam a sociedade em que estão inseridos como um processo permanente de construção humana ao longo das gerações, num processo contínuo, dotado de historicidade, compreendendo que a garantia desse espaço da socialização depende do respeito as individualidades, para que cada um construa a si próprio como agente social alcançando o bem da coletividade (Ibidem, p.87).

Nessa conjuntura, o presente trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Assis Chateaubriand, na cidade de Campina Grande-PB no período de 1 (um) ano integrante do Subprojeto de Geografia – PIBID/CAPES/UEPB, com a turma de 3º ano do Ensino Médio, a partir do Projeto de Intervenção que teve como tema “Debatendo a violência e suas formas a partir do Lugar de vivência”.

Com a realização do Projeto, buscou-se trabalhar a temática de forma coerente e esclarecedora, utilizando várias estratégias metodológicas e investindo-se em recursos didáticos, para que os alunos participem ativamente do desenvolvimento das atividades propostas, sendo essa uma das premissas para a construção do conhecimento significativo.

A temática escolhida para ser trabalhada em sala de aula foi a violência, um tema bastante importante para o meio social em que os alunos da respectiva escola estão inseridos, pois segundo informações da revista *Veja* tendo como fonte dados obtidos do site *City Mayors* (Centro de Estudos dedicados a temas urbanos), a cidade de Campina Grande-PB, encontra-se entre as mais perigosas do Brasil, ocupando o 9º lugar em homicídios, com o índice de 46 homicídios por 100 mil habitantes e 25º no ranking geral da violência, e também vale ressaltar que é a única cidade do Brasil incluída no ranking, que não é capital.

Adicionalmente, o trabalho com a temática violência apresentou-se de extrema relevância para ser trabalhado junto as ações do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB, haja

vista estar presente nas temáticas propostas pelo Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Assis Chateaubriand, no ano de 2015.

Mediante o exposto, o principal objetivo deste trabalho consiste em apresentar e analisar os resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto de intervenção “Debatendo a violência e suas formas a partir do espaço escolar e lugar de vivência”, desenvolvido no contexto das aulas de Geografia, no 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Assis Chateaubriand.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O ensino de Geografia no Brasil: possibilidades e limitações

No Brasil colonial os principais responsáveis a introduzir o sistema educacional foram os Padres Jesuítas, a partir do ano de 1599. De acordo com PESSOA (2007), Eles introduziram um plano de estudos chamado *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, tendo como base o sistema educacional europeu. Os colégios que se encontravam em território brasileiro, passaram a ser orientados pelas regras de organização e fundamentos descritas no *Ratio Studiorum*.

Num primeiro momento, os Jesuítas não introduziram no planejamento de ensino a Geografia como disciplina independente, ela era ensinada como suporte para a análise espacial de outras disciplinas, mediante leituras de autores clássicos e de outras disciplinas introduzidas no currículo, como o Latim e o Grego, é o que afirma Pessoa (2007):

O primeiro plano de estudos da Companhia de Jesus não concebeu no seu currículo escolar a geografia a condição de disciplina independente. Os ensinamentos relativos aos conhecimentos geográficos se davam em conexão com a aprendizagem da leitura, versão e comentários dos autores clássicos (Ibidem, p. 31).

Foi a partir do ano de 1832 que a disciplina Geografia foi introduzida no currículo brasileiro, tendo como objetivo a descrição e enumeração de fatos voltados para a realidade no território brasileiro. De acordo com Pessoa (2007, p. 31), “O papel destinado ao ensino de Geografia nesse período era o de apenas oferecer uma cultura geral aos alunos.”

A partir da criação do Colégio Imperial Pedro II, no ano 1837, localizado na antiga sede da corte do império, na cidade do Rio de Janeiro, foi que o ensino da Geografia teve mais relevância e adquiriu um novo status no currículo. É o que diz Pessoa (2007, p. 34). “É nesse período que ela finalmente adquire o estatuto de disciplina autônoma.”

O Colégio Imperial Pedro II, foi fundado com o objetivo de ser reconhecido como uma escola padrão, exemplo a ser seguido pelas escolas, tanto públicas quanto privadas no Brasil.

A metodologia de aprendizagem geográfica naquele período foi da leitura, memorização e descrição do espaço geográfico. Eram repassadas algumas técnicas para que o aluno pudesse memorizar os assuntos ministrados pelo professor, PESSOA (2007, p. 38) afirma que: “Predominaram métodos e técnicas empenhados em encontrar a maneira mais eficaz de procurar guardar na memória aquilo que o aluno leu.”

No período republicano, no ano de 1890, aconteceu a primeira reforma educacional, houve várias introduções e modificações no currículo da Geografia escolar brasileira, introduzindo o ensino de Geografia em todas as séries do ensino secundário, da seguinte forma:

Nos dois primeiros anos seriam ministradas três aulas por semana, com o seguinte programa para o primeiro ano: geografia física, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e noções concretas de astronomia. Para o segundo ano o programa compreendia os seguintes assuntos: geografia política e econômica, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e estudo complementar de astronomia concreta, ao passo que nos demais anos seria facultada a essa disciplina uma hora semanal para revisão dos conteúdos já vistos anteriormente (PESSOA,2007, p.40).

A segunda reforma iniciada em Janeiro de 1901 no período Republicano, propôs a redução das aulas aos três primeiros anos do ensino secundário, extinguindo também as revisões implantadas na primeira reforma, seguindo adiante a terceira reforma iniciou-se em Abril de 1911 e teve como objetivo, a redução de sete para seis anos, modificando também as três primeiras séries e sua carga horária.

A quarta e última reforma que acontecera em Março de 1915, houve redução do curso secundário de seis anos para cinco anos, havendo também desvalorização à reforma anterior, reduziram-se as séries e os conteúdos, que a Geografia era ministrada.

A Geografia tradicional teve como base os ideais defendidos pelos autores Humbolt e Hitter. O primeiro defendia que a Geografia era síntese dos conhecimentos relacionados à terra, já Hitter defendia que a Geografia era o estudo da individualidade dos lugares.”Estes dois autores foram responsáveis por formar a base de sustentação da primeira corrente do pensamento Geográfico, qual seja: a Geografia Tradicional.”(MENEZES, 2015, p.04).

A Geografia tradicional adotou o método científico desenvolvido através da observação, da descrição e da classificação dos fatos, restringindo-se aos aspectos visíveis e mensuráveis do estudo. Essa postura contribuiu para uma descrição compartimentada do quadro natural e humano, eliminando qualquer relação entre eles.

O conhecimento geográfico era baseado na neutralidade científica, com o empirismo como procedimento de descrição da realidade.

A Geografia Quantitativa que antecede a geografia critica teve seu surgimento por volta do século XX, na Inglaterra no período da guerra fria, com base no método quantitativo, tendo uma visão matemática do mundo. Apresentando duas dimensões: o feitichismo espacial

e o reducionismo. O primeiro faz referencia a geometria do espaço e o segundo, aos fenômenos naturais e suas relações com a sociedade. Como afirma Moura:

A geografia crítica sucede a corrente do pensamento geográfico denominada nova geografia ou geografia quantitativa, que surgiu durante a Guerra Fria, em meados do século XX, na Inglaterra, Estados Unidos e Suécia – corrente que, pautada em métodos quantitativos, encobria o compromisso ideológico de justificar a expansão capitalista sem exprimir a essência da realidade social. É nesse contexto de dominação pelo uso ideologizado da informação, assim como de agravamento das tensões sociais nos países centrais e movimentos por independência nos países subdesenvolvidos, que a geografia crítica emerge como uma corrente que se opõe à quantitativa. (MOURA, 2008)

A Geografia Crítica estabelece o rompimento da neutralidade na pesquisa e no estudo geográfico, como também estabelece um movimento de renovação, com a proposta de engajamento e criticidade junto a toda a conjuntura social, econômica e política do mundo, estabelecendo uma leitura crítica frente aos problemas e interesses que envolvem as relações de poder e a pró-atividade frente às causas sociais, com a defesa da diminuição das disparidades socioeconômicas e diferenças regionais. Como afirma Moraes:

O designativo de crítica diz respeito, principalmente, a uma postura frente à realidade, frente à ordem constituída. São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando os seus saber como uma arma desse processo. São, assim, os que assumem o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem (MORAES, 1995, p.112).

Nesse sentido, a Geografia Crítica busca extinguir a linha de estudo da Geografia tradicional como a não diferenciação das qualidades distintas dos fenômenos humanos, o objeto automeado, as ideias absolutas e as análises do mundo de aparências, como também crítica as velhas teorias e a falta de discussão das questões sociais, políticas e econômicas.

A Geografia Humanista desenvolveu-se a partir dos anos 1960, com aspectos referentes à percepção do lugar ou do espaço, a fim de compreender as relações entre eles, pessoas e grupos, considerando assuntos como o pensar das pessoas, ou grupos sentir, a percepção, sentimentos e a representação espacial. O método fenomenológico busca descrever a experiência vivida do indivíduo em um determinado tempo ou espaço analisando o fenômenos como se manifestam e os acontecimentos no mundo. Como afirma MALANSKI (2014):

A Geografia é, tradicionalmente, a ciência responsável por estudar o espaço, contudo é importante definir qual é esse espaço. Assim, ao se propor um estudo geográfico do espaço a partir do viés fenomenológico, considera-o como espaço vivido, essencialmente antropocêntrico e que vai além de um simples amontoado de dados, pois envolve a análise da experiência centrada numa pessoa. (ibidem, p.34).

A Geografia Humanista valoriza as experiências vividas do indivíduo ou grupo, compreendendo a percepção e o espaço habitado. Os espaços vividos variam de pessoas e grupos, mas cada um com sua experiência vivida e percepção do espaço habitado.

No ensino da Geografia, as representações das áreas desta ciência são de fundamental importância para a construção do raciocínio sobre o espaço geográfico. Assim, preparar o aluno para o domínio da linguagem própria dessa representação deve ser um dos objetivos dessa disciplina em todos os níveis de escolarização da Educação Básica. Nesse sentido, é de suma importância discutir os limites e as possibilidades da disciplina de Geografia em sala de aula, notadamente nos anos iniciais do Fundamental e final do Ensino Médio, que são os “extremos” da educação básica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais voltados à Geografia propõem que a escola desenvolva um trabalho pedagógico visando ampliar a capacidade de observação, construção de conhecimento, explicação, comparação e representação das características dos lugares que habitam em diferentes escalas de análise e diferenciação entre paisagens e peculiaridades de cada espaço geográfico (PONTUSCHKA, 2007, p.75).

O conhecimento do espaço geográfico é importante para conhecer os problemas que estão presentes em vários ambientes, tanto no social, como no ambiental, ou socioambiental, no qual devem ser socializados com os alunos. Alfabetizar-se espacialmente vem sendo um grande desafio, pois muitas vezes os professores em formação não são alfabetizados e apenas reproduzem mapas, conhecimentos, etc. (CASTROGIOVANNI, 2009, p.11). O ensino da Ciência em geral deve ter um cunho pedagógico. A partir disso, Belo; Monari destacam que:

O trabalho pedagógico é, indiscutivelmente, necessário e importante à formação do cidadão. A Geografia, então, é uma disciplina que contribui com esta formação, pois traz em sua grande abrangência em relação às diferentes áreas do conhecimento o respaldo necessário à compreensão do homem enquanto sujeito ativo em um mundo extremamente dinâmico (BELO; MONARI, 2012, p. 66).

O ensino de Geografia deve proporcionar uma leitura espacial do que está em volta do aluno. Esta deve contemplar o desenvolvimento do raciocínio espacial. Para isso, a construção de conceitos fundamentais dessa ciência, quais sejam: espaço geográfico, região, território,

paisagem, lugar, natureza, sociedade, entre outros, permeia a aprendizagem significativa para a construção da cidadania socioespacial. A partir desta perspectiva, Perez (2001) salienta que:

O ensino de Geografia nas séries iniciais deve ter como fundamento a alfabetização da criança na leitura do mundo por meio da leitura do espaço: fazer Geografia é dialogar com o mundo, possibilitando à criança ampliar os significados construídos (pelo uso de novas e diferentes linguagens), transformando sua observação em discurso (é dizendo o mundo que significamos o mundo), de modo que possa compreender o conjunto de movimentos que dá sentido ao mundo (Ibidem, p. 108).

Com relação à formação continuada dos docentes Bona (2008, p.7) diz que:

A formação dos professores se configura preocupação central nesse sentido. Mais do que instruir, eles devem educar, entendendo educação como a preparação para o exercício consciente da cidadania que se faz atuando politicamente na transformação social. O problema é que grande parte dos professores tem como principal orientação o domínio do conteúdo e das técnicas, restringindo sua função ao cumprimento do programa de ensino (BONA, 2008, p.7).

Seguindo a visão de Bona (2008) supracitada, podemos perceber a importância da formação docente para a formação cidadã dos educandos, o ensino de Geografia vai muito além de entender mapas, aprender os Estados, é compreender o meio em que vive para poder intervir de forma consciente, pois se assim fosse render-se-ia a Geografia Escolar maçante e enfadonha, que apenas serve para preencher currículos educacionais (LACOSTE, 1977).

É através da formação continuada que o docente vai poder realizar um trabalho de reflexão sobre suas práticas, visto que a identidade do professor se faz através de conhecimentos científicos, pedagógicos, criatividade e sensibilidade para poder estar preparado para encarar a realidade e as situações da instituição escolar.

Um grande desafio para o professor é transformar o momento da aula em um momento prazeroso, de aproveitamento dos conteúdos, ou seja, tornar a aula atrativa, neste caso a de Geografia, muitos precisam desmistificar a sala de aula e o processo ensino aprendizagem. Para tanto, o professor precisa inovar sua prática docente, deixando de lado o tradicionalismo das aulas expositivas, é preciso ir além, o aluno, na aula de Geografia necessita construir seu objeto de estudo e conceitos atrelados, ou seja, o espaço geográfico usualmente fragmentado, a partir da interdisciplinaridade concretiza-se como objeto sistemático, preciso e embasado na análise completa. A instituição escolar é chamada a oferecer meios que possibilitem essa interdisciplinaridade necessária.

Segundo Mendes (2012, p.87), “Cabe à escola, através da utilização destes promover de forma efetiva a construção do conhecimento, ou seja, aproximar o discente da realidade ao qual está inserida.”, ou seja, para que o professor possa transformar suas aulas é preciso que a escola contribua nesse processo.

A adoção de uma nova metodologia de ensino requer do docente uma boa formação acadêmica e o compromisso com aquilo que faz, ou seja, para que os objetivos da aula sejam atingidos, é de suma importância o planejamento. Com isso, este é uma tarefa muito importante, pois o mesmo serve para coordenar e organizar atividades a serem trabalhadas na escola. A modo de dar suporte ao professor, o planejamento é um roteiro de atividades e trabalhos a serem cumpridos, o mesmo é dividido por etapas e objetivos a serem alcançados, evitando que o trabalho de gestão e docência não se torne um "show de improviso".

O significado do termo planejamento é muito ambíguo, mas no seu trivial compreende a ideia de que sem um mínimo de conhecimentos das condições existentes numa determinada situação e sem um esforço de previsão das alterações possíveis dessa situação, nenhuma ação de mudança será eficaz e eficiente, ainda que haja clareza a respeito dos objetivos dessa ação. Nesse sentido trivial, qualquer indivíduo razoavelmente equilibrado é um planejador. [...] Não há uma ciência do planejamento, nem mesmo há métodos de planejamento gerais e abstratos que possam ser aplicados à variedade de situações sociais independentemente de considerações de natureza política, histórica, cultural, econômica etc. (AZANHA, 1993 p.70-78).

Vale ressaltar que as etapas e metas a serem cumpridas em um planejamento são flexíveis, e a medida que se encontra uma dificuldade ou um problema, este deve ser reescrito de modo a atingir todos os objetivos e sanar os problemas existentes. Vale destacar que “o projeto é um instrumento para a construção de uma educação de qualidade democrática, um ponto de apoio para todos aqueles que se comprometem com esta causa”: (VASCONCELLOS, 2000, p.54).

O planejamento no processo educativo é algo que deve ser feito com bastante cuidado, uma vez que os resultados dele não é algo mecânico. Devemos planejar ações educativas para que o homem seja capaz de criar suas ações e história. Vasconcellos: (2000, p. 159) destaca um ponto muito importante sobre planejamento:

Precisamos distinguir a flexibilidade de frouxidão: é certo que o projeto não pode se tornar uma camisa de força, obrigando o professor a realizá-lo mesmo que as circunstâncias tenham mudado radicalmente, mas isto também não pode significar que por qualquer coisa o professor estará desprezando o que foi planejado. (VASCONCELOS, 2000, p.159).

Segundo Vasconcellos, o planejamento deve ser flexível, passivo de alterações caso apareça alguma necessidade, o professor não pode ser prisioneiro do seu planejamento, porém não deve desconsiderar o valor dele na escola. O planejamento educacional deve ter como objetivo formar alunos formadores de opinião. Sendo assim, deve ser baseado na necessidade e no conhecimento do aluno, uma vez que é esse aluno o principal interessado nesse procedimento metodológico que deseja que o aluno tenha um pensamento crítico dentro da sociedade.

O docente, ao realizar seu planejamento, prepara de forma organizada as etapas do trabalho a ser realizado na escola ou sala de aula, não permitindo que as suas ações percam o foco. Sendo assim, o professor tem consciência do que ensinar e quais os objetivos que almeja atingir. Segundo Vasconcellos (2000, p. 79):

O planejamento enquanto construção-transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isso é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo. (VASCONCELLOS, 2000, p.79)

O professor também precisa estar ciente e preparado para os momentos em que o seu planejamento precise ser modificado, já que planejar não significa se afastar da realidade ou até mesmo dos outros caminhos que a aula possa seguir, sendo assim precisa saber adaptá-lo a cada realidade da sua sala de aula.

Nas aulas de Geografia no Ensino Básico a busca por novas metodologias e planejamento ocorre no início do ano e permeia o ensino por unidades de aprendizagem e que busca pelo conhecimento construtivo de conceitos básicos, tendo em vista sempre que a aula não será um produto e sim um processo (FERNANDES, 2008).

O planejamento, reformulação de planos, usos de recursos didáticos e trabalho interdisciplinar possibilitarão uma aula mais dinâmica e interativa, e mais, todo este processo de ensino aprendizagem deve permear os seguintes questionamentos: o que preciso ensinar? A quem irei ensinar? E, como precisarei ensinar? São perguntas básicas que surtem verdadeiro efeito sobre o resultado deste processo infindo (FERNANDES, 2008, p.24).

2.2. Estratégias para dinamizar o ensino de Geografia, recursos e metodologias

A Geografia no âmbito escolar engloba várias temáticas, desde as questões físico-naturais, políticas, sociais até o meio ambiente. Nesse sentido, faz-se necessário o uso de recursos didáticos que venham a subsidiar o trabalho do professor, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

A Geografia como disciplina escolar, tem como objetivo contribuir para a formação integral dos educandos. O papel dessa área do conhecimento é refletir, compreender, observar, interpretar e saber pensar o espaço geográfico, que é um produto histórico, que revela as práticas sociais das pessoas que nele convivem. Esse espaço geográfico pode ser lido e entendido de diferentes formas (PUNTEL, 2007, p. 285).

Então, de acordo com o “como ensinar” entra em evidência, pois necessita de uma análise rebuscada sobre cada percepção pessoal, ou seja, saber o como ensinar, o que se deve ensinar é reconhecer que o receptor de informações é sistematicamente diverso e a metodologia variada auxiliará na melhor interação. O ‘como ensinar’ é uma prática social, [...] e implica em estabelecermos que atitudes gostaríamos de vê-los [*alunos*] tomando diante da vida” (FERNANDES, 2008, p.28).

O ensino de Geografia se faz necessário para que crianças e jovens possam entender as relações possíveis no mundo em que vivem. É possibilitar a leitura da realidade na qual estão inseridas, dando-lhes a possibilidade de entender os fenômenos naturais (por meio da Geografia Física) e das relações sociais (Geografia Humana).

O conteúdo trabalhado nas aulas de Geografia é aquele ligado à forma como o professor reconhece esta ciência, portanto não é algo inventado aleatoriamente, mas sim um conhecimento do mundo a partir dos processos de construção e apropriação dos territórios diversos. (CALLAI, 2001, p.143)

É de suma importância que o professor ao lecionar a disciplina de Geografia, consiga fazer isso através de um ensino integrado, “quebrando” a dicotomia entre Geografia Física e Humana, relacionando os aspectos físicos e sociais, com o objetivo de instigar os alunos a serem mais críticos e isso é uma característica muito forte da disciplina de Geografia.

Percebe-se no ensino da Geografia Escolar a quase ausência, das categorias e das reflexões espaciais. Em muitos momentos, falta conexão entre os temas abordados e a relação com as categorias geográficas. Entende-se que se faz necessário articular os assuntos trabalhados na Geografia Escolar com esses conceitos básicos para, com isso, relacioná-los com a vida do aluno. É necessário destacar as implicações

espaciais e as categorias geográficas na análise de cada conteúdo abordado. (PUNTEL, 2007, p.284)

A Geografia escolar se renova com o tempo e pede o uso de novas tecnologias na metodologia para aulas mais interessantes e produtivas. “O ensino da Geografia deve propiciar aos educandos uma melhor compreensão do espaço geográfico em todas as suas dimensões e contradições”: (PUNTEL, 2007, p.287). A Geografia escolar deve permitir aos estudantes uma visão organizacional do espaço, por meio de métodos inovadores e atuais. Segundo Moreira e Ulhôa (2009, p.72):

[...] as TICs se apresentam como novas possibilidades de organização das atividades educativas formais ou informais, uma vez que professores e alunos podem se apoiar em diferentes *linguagens* de comunicação e expressão para subsidiar a construção de conhecimentos. Assim, ensinar Geografia tem se tornado um desafio cada vez maior, pois além de dominar os conhecimentos relativos aos conceitos/categorias inerentes ao ensino dessa disciplina, exige-se que os professores saibam selecionar e utilizar *linguagens* adequadas para cada situação de ensino-aprendizagem (MOREIRA E ULHÔA, 2009, p.72).

A Geografia por muito tempo foi vista com uma mera disciplina descritiva, no qual a utilidade para a formação do aluno como pessoa crítica era quase que inexistente. Esse conceito da disciplina de Geografia ser uma ciência descritiva está mudando, mas a dinamização e metodologia que devem ser abordadas em sala de aula são de responsabilidade do professor e da escola.

A disciplina de Geografia aborda vários contextos, como: políticos, sociais e ambientais, para que exista um ensino-aprendizagem de qualidade é preciso que tenha uma logística do professor com a escola, para melhorar as aulas, isto é, desde um data-show em sala de aula até idas a campo para acompanhar as transformações socioambientais e socioespaciais que acontecem na área urbana e rural do município.

As TICs - Tecnologia da informação e comunicação pode ser definida como a junção de tecnologias capazes de proporcionar informações, expressar ideias, assim como contribuir para o processo de comunicação. Tecnologias essas que estão avançando de forma considerável na sociedade, principalmente no que diz respeito à área educacional. Segundo Morais (2005), a educação sozinha não é suficiente, é preciso que a escola como instituição social esteja apta a acolher a modernidade tecnológica. A escola como um todo tem sofrido mudanças para incluir as TIC's no seu âmbito escolar.

As TICs devem ser utilizadas tanto pelo corpo docente como discente, no sentido de possibilitar interação no desenvolvimento dos trabalhos em grupo, como também na

realização de debates. Assim sendo o processo de aprendizagem será muito mais enriquecido por meio da informação espalhada de forma democrática somada a ação da inclusão digital.

Com isso, demonstrando aos alunos que a Geografia pode ser utilizada para tudo, em todos os lugares e visões, e para que compreendam o mundo a partir da racionalização das modificações do espaço e da paisagem.

Exige-se muito do profissional da educação que se mantenha atualizado das inovações e informações que ocorrem em sua ciência, sobretudo dominar meios que possibilitem o melhor entendimento, e sempre fazer uma autoavaliação de seus métodos, como afirma Moreira e Ulhôa (2008, p.86):

Entendemos, pois, que no contexto econômico, político, social e cultural em que vivemos, a formação de um profissional docente exige mais que a aprendizagem de conteúdo específico. Há que se pensar na formação de profissionais comprometidos com um projeto de sociedade voltado para a construção do homem integral – ético, estético, político e social. Além disso, consideramos importante na formação dos profissionais docentes, especialmente dos professores de Geografia, que se façam outros questionamentos, tais como: Quais as contribuições, os limites e as perspectivas para o uso da tecnologia multimídia como *linguagem* para potencializar o aprendizado em seu sentido mais amplo? Em que momento e de que maneira esses recursos devem ser usados no ensino, para facilitar a compreensão dos conceitos/categorias geográficos? (MOREIRA; ULHÔA, 2008, p. 76).

A formação docente enriquecida em referenciais teóricos e experiências que dêem margem a uma renovação constante na ciência, atendendo às necessidades intelectuais a quem média e a quem recebe o conhecimento. Passini (2010, p.38) afirma que “a escolha do conteúdo para ensinar Geografia deve ser feita pensando na responsabilidade da formação do cidadão que precisa entender o mundo”. Professor é o mediador do conhecimento, ele deve procurar junto a seus alunos a construção das ideias. Ainda com relação à formação docente, segundo Libâneo (2004, p.227),

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completadas por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional. (LIBÂNEO, 2004,p.227)

Para Soares e Almeida (2005, p.3):

Um ambiente de aprendizagem pode ser concebido de forma a romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino-aprendizagem como transmissão e passividade do aluno e possibilitar a construção de uma cultura informatizada e um

saber cooperativo, onde a interação e a comunicação são fontes da construção da aprendizagem (SOARES; ALMEIDA, 2005, p.3)

As tecnologias oferecem várias possibilidades que poderão ser utilizadas em conjunto com os alunos. A grande dificuldade que impossibilita o usufruto das inovações tecnológicas depende da abertura do educador, em se sentir um eterno aprendiz para aprender novas formas de ensinar: jogos, vídeos, slides, construir softwares que facilitem o desenvolvimento de suas aulas entre outros.

Partindo dessa perspectiva, o professor, como mediador do conhecimento, passa a ser sujeito instigador, a fim de colocar o aluno no centro do pensamento e observações a respeito dos conteúdos abordados (FERNANDES, 2008), onde o docente perceba a importância que exerce nas análises espaciais e, conseqüentemente, no que faz “girar o mundo” que é o conhecimento adquirido ao longo da vida acadêmica e social.

2.3. A violência e suas formas: A Escola enquanto mediadora dessa discussão

Até o ano de 1950 a população brasileira era predominantemente rural, a partir de 1970 em diante, essa realidade mudou, tornando-se um país predominantemente urbano, com mais da metade da população vivendo nas cidades, devido ao processo de industrialização que ocorria no País. Essas cidades eram pequenas e despeças do território.

De acordo com CARVALHO (2014), no governo de Getúlio Vargas e JK, nos anos de 1950, os mesmos incentivaram as atividades industriais, dando subsídios para o desenvolvimento das indústrias, essas indústrias posteriormente foram ampliando seu comércio e chegando ao campo, com máquinas agrícolas que por sua vez ocuparam os espaços da mão de obra humana, a chamada mecanização do campo, com esse processo, os camponeses em sua maioria sentiram a necessidade de migrar para os grandes centros urbanos, a procura de melhoria de vida e emprego. Esse fenômeno foi denominado de êxodo rural.

O século XX foi marcado pelo crescimento das cidades. Estas se espalharam pelo país e também se destacaram em número de habitantes. A migração campo-cidade (êxodo rural) contribuiu muito com o processo de urbanização brasileiro. Nesta ocasião, a falta de perspectiva de trabalho no campo levou boa parte das pessoas a se deslocar em direção às cidades, em busca, principalmente, de emprego e de melhor condição de vida. (CARVALHO, 2014, p.36).

Como consequência dessa migração, as cidades foram sendo habitadas por camponeses e agricultores, de forma rápida e desordenada, não havendo espaço para todos, formando-se assim as áreas periféricas ao redor dos grandes centros.

São nessas áreas que surgem os principais problemas sociais e urbanos, como a falta de infraestrutura, saneamento básico, saúde, mobilidade, qualidade de vida, emprego, moradias e o principal problema a ser destacado: a violência. Que consequentemente é excitada a partir desses outros problemas. A partir do exposto, é possível identificar as causas da violência, como a ausência ou omissão do Estado, a exclusão social, desigualdade social e principalmente a pobreza, nas áreas periféricas.

Trata-se de um fenômeno que não pode ser separado da condição humana e nem tratado fora da sociedade - a sociedade produz a violência em sua especificidade e em sua particularidade histórica. Há na sociedade e no processo dinâmico que ela envolve modificações na construção dos objetos sociais que são, muitas vezes, expressos como um problema social. (MIRANDA)

Em virtude dos problemas apresentados, anteriormente, a violência encontra-se generalizada, porém não atingem a sociedade da mesma forma. Com base nisso cria-se o perfil da criminalidade, caracterizando os indivíduos que estão mais vulneráveis a violência, sejam como vítimas ou autores, destacando-se o gênero, faixa etária, classe social, meio social, cor da pele e nível de escolaridade dos indivíduos.

Dentre os principais indivíduos que se encontram vulneráveis a violência podem-se identificar homens principalmente jovens, com a faixa etária entre 15 e 24 anos, de classe social baixa, moradores de áreas periféricas e com baixos índices de escolaridade.

Pelo foco da vulnerabilidade advoga-se que a violência embora associada à pobreza, não é sua consequência direta, mas sim da forma como as desigualdades sociais e a negação do direito ao acesso a bens e equipamentos de lazer, esporte e cultura operam nas especificidades da cada grupo social, desencadeando comportamentos violentos. (ABRAMOVAY, 2002, p.51)

Nos dias atuais, o tema violência vem se destacando pelos altos índices de ocorrência em todo mundo, isso se deve tanto ao crescimento urbano desordenado como consequência do Êxodo Rural na metade do Século XX, como também de conflitos diversos sejam eles Étnicos, religiosos, culturais, raciais, valores, crenças e culturas diferentes, que por consequência tem feito milhares de vítimas em todo o mundo, sendo assim um problema atual que sempre está sendo debatido e estudado para possíveis soluções tanto pelos meios de comunicação como por autoridades políticas administrativas.

Na sociedade em que estamos inseridos a violência se tornou um problema social grave, por falta de políticas públicas, segurança e intolerância. A sociedade e o poder público deve-se intervir com soluções.

Em pleno século XXI, em desenvolvimento da sociedade, nos deparamos com o problema da violência nas escolas, precisamente o local onde os pais colocam seus filhos para que eles através do conhecimento possam se preparar para a vida (pessoal e em sociedade), mas acabam se deparando com diferenças culturais, comportamentos e também de violência .

A questão da violência, não só está presente nas escolas das áreas periféricas, mas também é uma realidade que se encontra na grande maioria das escolas do nosso País e também do mundo. Apresenta-se e se manifesta em diferentes contextos, seja entre alunos, onde envolve o *bullyng*, a violência física, verbal ou sexual. A relação professor/aluno e consequentemente toda a escola e comunidade sente o reflexo desses atos.

Nas escolas, adolescentes e jovens interagem com outros que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, por exemplo, da cor, da sexualidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente dá-se por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência. (SILVA, 2010,P. 55)

O espaço escolar é um ambiente coletivo e plural, com diversidades no seu alunado, fora do convívio familiar, tendo que estar de fato estruturada para promover troca de experiências saudáveis e positivas no processo de ensino e aprendizagem. Mas também evidenciam diferenças sociais, culturais, religiosas no meio social onde os jovens estão inseridos, todos esses aspectos contribuem para certa diferença de hábitos, costumes e principalmente a xenofobia, levando assim a opiniões contrárias consequentemente a agressividade e violência.

A Escola deve ser um ambiente de segurança, para que os alunos se sintam confortáveis no espaço físico e nas relações uns com os outros, a partir disso deve-se criar mecanismos para que o indivíduo (aluno) possa transformar a realidade na qual eles estão inseridos.

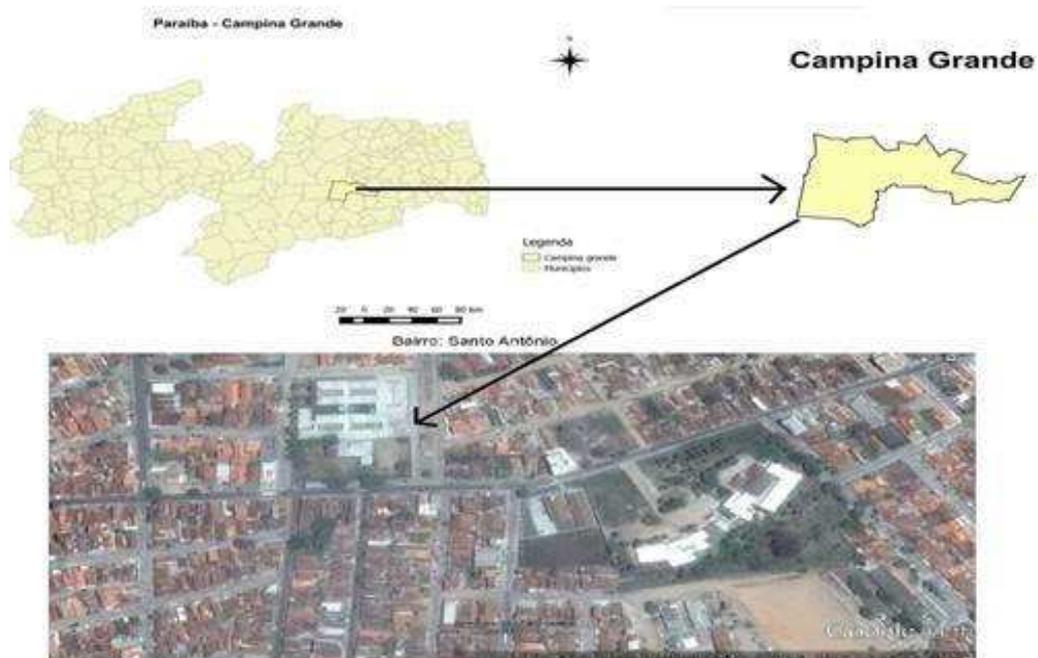
Partindo desse pressuposto, as práticas educativas, devem ser pensadas e desenvolvidas levando em consideração a vivência do educando, considerando uma pedagogia constituída no diálogo, na participação coletiva. Pedagogia essa que pode ser potencializada mediante a concretização de oficinas pedagógicas, roda de conversa, debates, círculos de cultura e de lazer, entre outros. (LEITE, 2014, p. 17-18).

Uma das várias alternativas viáveis para diminuir da violência escolar, é conhecer a comunidade na qual os indivíduos estão inseridos, a partir de então contribuir com projetos desenvolvidos na escola e do projeto político pedagógico, planejamentos que de fato se propõem a fazer e realizar com seus alunos e com a comunidade através dos seus funcionários e corpo docente e discente levando assim a parceria entre escola e comunidade construindo e contribuindo para o desenvolvimento e transformação tanto pessoal quanto social dos agentes envolvidos. Sendo a escola um centro de referência dentro da comunidade.

3. METODOLOGIA

As intervenções foram realizadas na Escola Estadual Assis Chateaubriand, localizada no bairro Santo Antônio, na cidade de Campina Grande-PB (Figura 1), no ano de 2015, que atende a alunos do próprio bairro e bairros vizinhos como: Nova Brasília, Monte Castelo, Bairro da Glória, Jardim América, Jardim Europa, dentre outros.

Figura 1: Localização da Escola Estadual Assis Chateaubriand.



Fonte: Google earth,2013,adaptado por Sousa, J. M.F.(2015)

Figura 2: Fachada da Escola

Fonte: Sousa, J.M.F(2015)

A Escola oferta o ensino fundamental anos finais de 5º ao 9º Ano, Ensino Médio do 1º ao 3º e Educação de Jovens e Adultos - EJA, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite.

Figura 3: Caracterização da Escola.

Fonte: Sousa, J.M.F(2015)

A turma participante do projeto PIBID, subprojeto de Geografia foi do 3º ano B do Ensino Médio, turno Manhã, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, na cidade de Campina Grande-PB. Contava com 18 alunos, sendo 12 homens e 6 mulheres, com faixa etária entre 17 a 22 anos. São, na maioria, de classe média baixa.

Os alunos tinham uma percepção ampla sobre o estudo da Geografia e a interação com o seu meio social, buscavam sempre levar o conhecimento científico ao seu cotidiano e também levá-lo para sala de aula. No decorrer das atividades, notou-se que o grau de aprendizagem desses alunos era bastante relevante, uma vez que eles participavam ativamente e com bastante interesse das atividades práticas e teóricas propostas em sala.

Após a escolha do referido tema a ser trabalhado em sala, utilizou-se do método fenomenológico para subsidiar o desenvolvimento da análise, visto que o meio utilizado para construção e desenvolvimento da pesquisa foi pela fenomenologia, que busca descrever a experiência vivenciada e a percepção do sujeito, propõe-se também a interpretação do cotidiano, do mundo e a relação sujeito objeto.

No primeiro momento, foi aplicada uma entrevista sobre violência, a fim de que os alunos expusessem seus conhecimentos, ou seja, procurando identificar o que eles entendem por violência, suas formas, quais as formas de violência mais frequentes no seu lugar de vivência e se já foram vítimas de algum tipo, assim como a discussão de propostas para minimizar o problema.

No segundo momento do projeto, foi realizada uma aula expositiva e dialogada, pelo bolsista do PIBID com a utilização de slides e vídeo reportagens, sobre os quatro tipos de violência mais citados no questionário pelos alunos, e no final da aula ministrada, foi dado espaço aos alunos para discussão dos temas e para que relatassem o porquê de terem citado as quatro formas de violência trabalhadas na aula.

Para tornar as aulas mais didáticas, levou-se para a sala de aula músicas e poemas de artistas reconhecidos pelos alunos, como Gabriel Pensador, Titãs e Clarice Pacheco, retratando a violência e alguns problemas sociais, para que interpretassem as letras e exprimissem suas opiniões.

Para apresentação dos trabalhos propostos sobre os quatro tipos de violência que os alunos citaram no questionário aplicado de início a turma participante, sendo eles: (Violência contra a Mulher, Violência Física, Violência Ambiental e Assassinatos), cada grupo ficou responsável em relatar algum caso de violência, dando suas características como local ocorrido, causas, consequências e suas vítimas.

Foi solicitado a turma que cada aluno trouxesse uma imagem ou tirinhas sobre alguma forma de violência que mais lhe chamou atenção na internet, para que fossem expostas e debatidas em sala de aula e que cada aluno desse sua opinião sobre a violência exposta na imagem escolhida.

E, por fim, foi realizada uma atividade de produção textual, para que os alunos expressassem suas opiniões sobre o tema violência, de forma individual onde eles iriam expressar todos os conhecimentos adquiridos no decorrer das atividades trabalhadas em sala.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise da entrevista aplicada na turma participante, sobre o que eles entendem por violência, se consideram o seu bairro violento e as formas mais frequentes, se já foram vítimas e quais alternativas seriam viáveis para diminuir os índices, notou-se que os alunos reconheciam o conceito de violência como sendo toda ato de agressão, porém os mesmos não reconheciam as diferentes formas.

Como por exemplo, patrimonial, psicológica, foram as menos citadas pelos alunos, visto que essas agressões, muitas vezes, passam despercebidas. A maioria dos alunos considera o seu bairro violento, tendo como principais formas: Violência Ambiental, Assassinatos, Violência Física e Violência contra a mulher; alguns relataram ter presenciado ou mesmo serem vítimas de algum tipo de violência.

Com a utilização da aula expositiva ministrada pelo bolsista, os alunos puderam aprofundar seus conhecimentos sobre os quatro tipos de violência que eles citaram e também conhecer um caso ocorrido em seu bairro, na sua cidade, ou cidades vizinhas, através de vídeo-reportagens, imagens e notícias das redes sociais. Os alunos no final da aula expuseram o seu ponto de vista e sua opinião crítica a respeito de cada caso relatado nas diferentes formas de violência. Como afirma Zatta; Aguiar (2008, pag.9). “Filmes, slides, programas de reportagem e imagens em geral podem ser utilizados para a problematização dos conteúdos de Geografia, desde que sejam explorados à luz de seus fundamentos teóricos conceituais.”

Percebe-se que o uso de materiais, tanto visuais quanto auditivos na relação ensino e aprendizagem, tem muito a contribuir e transmitir conhecimento acerca de qualquer conteúdo abordado em sala de aula, como ressalta Zatta; Aguiar (2008. p. 8-9).

“Isto é fundamental para a Geografia, pois a representação geográfica seja pelos mapas, imagens, fotos, vídeos, paisagens, sempre se coloca em jogo o autor e as técnicas; Onde o professor pode utilizar uma variedade de materiais, como imagens de diferentes épocas, fotografias, imagens de satélite, imagens representadas nos livros didáticos, de jornais, revistas, slides, entre outros; sendo recursos bastante significativos para a construção e ampliação de conhecimentos geográficos.”

Diante da ressalta, faz-se necessário o uso de novas metodologias na sala de aula, que incluam os aparatos tecnológicos disponíveis no mundo atual. Fazendo com que o aluno não só visualize, mas também crie um imaginário sobre determinado assunto a ser tratado, compreendendo o contexto no meio em que está inserido ou não, estabelecendo uma relação de entendimento entre os diversos espaços, e as diferenças existentes.

Figura 4: Aula com a utilização de slides



Fonte:Silva, L.E.S. (2015).

A utilização de poemas e letras de músicas, como metodologia em sala de aula, propicia uma melhor compreensão acerca do lugar de vivência, da realidade vivida, do meio social e dos conteúdos geográficos abordados. Os alunos reconheceram as letras e os vários autores citados em sala, como Gabriel Pensador, Titãs e Clarice Pacheco, houve um momento de interação por todos os alunos e, ao final, alguns falaram sobre o que os autores quiseram passar para o leitor, como por exemplo, elevado índice de violência no espaço urbano, falta de políticas públicas, o olhar despercebido da sociedade para com as vítimas, que vivem a margem da violência.

Como pontua, Pereira (2012, p.146). “Assim sendo, pode dizer que a música é um importante instrumento no processo de ensino aprendizagem, principalmente pela variedade de assuntos abordados, cabendo ao professor à escolha da letra e a devida adequação ao conteúdo.”

Figura 5: Utilização de Músicas e Poemas.

Fonte: Silva, L.E.S. (2015).

Na apresentação dos trabalhos propostos sobre os quatro tipos de violência, a começar com a violência contra a mulher, os alunos explicaram como foi criada a Lei Maria da Penha, suas punições contra os criminosos que praticam esse tipo de violência, as formas mais frequentes, como física e verbal e as consequências sobre as vítimas. Levaram para sala de aula dados da ONU, que afirmaram que entre 10 mulheres 7 já foram vítimas ou vão ser da violência, seja ela verbal, física ou sexual.

Deu-se ênfase também aos casos de desconhecimento das agressões, visto que, geralmente, as mulheres não denunciam com medo e as práticas ocorridas, não só no seu cotidiano, mas também em vários países onde algumas delas venham a ferir a integridade física ou moral da mulher na sociedade.

No caso de violência ambiental, os alunos foram na sua comunidade, no seu espaço de vivência mostrar a violência contra os animais, sendo eles gatos e cachorros que se encontravam em total abandono.

No grupo que tratou sobre assassinatos, os alunos relataram o caso da adolescente Carolina Silva de Almeida, 17anos, estudante da Escola onde foi desenvolvido o Projeto, morta por um disparo de arma de fogo no rosto por um homem dentro de um quarto de motel, na cidade de Campina Grande-PB. Também foram citadas notícias como o caso da Enfermeira Aucilene, que foi morta por dois homens em uma tentativa de assalto no bairro de Bodocongó, também na Cidade de Campina Grande- PB, quando a vítima estava em uma motocicleta seguindo para o trabalho.

Na apresentação do tema Violência Física, os alunos fizeram uma breve história sobre a violência, desde a antiguidade, período em que os seres humanos usavam a força para conquistar ou demarcar seus territórios e também para se defender dos predadores até os dias atuais, onde destacou que se torna crime qualquer tipo de agressão física. Onde também tiveram a participação dos alunos na discussão do tema e relatos de casos que os mesmos conheciam.

Figura 6: Apresentação dos trabalhos.



Fonte:Silva, L.E.S. (2015).

Nas apresentações das imagens e tirinhas que cada aluno trouxe por livre arbítrio sobre várias formas de violência (Figura 7), observou-se que os mesmos já estavam bastante seguros do seu conhecimento e opinião, onde cada um explicou o porquê escolheu a tirinha, e que foram bem compreendidas pelos demais colegas da sala, descrevendo a partir do uso das tirinhas uma percepção da violência.

Figura 7: Utilização de Imagens e Tirinhas.



Fonte: Silva, L.E.S. (2015).

Com a realização da redação (Figura 8), obteve-se resultado positivo, os alunos dissertaram sobre o que foi discutido em sala de aula verificando, assim, se os mesmos associaram o tema com a realidade a qual estão inseridos e se, na prática, o seu conhecimento ultrapassará o ambiente escolar, sendo levado para mudar o seu espaço de convivência.

Figura 8: Realização da Produção Textual.



Fonte:Silva, L.E.S. (2015).

No desenvolver das atividades do projeto, observou-se o impacto do tema abordado, pois foi possível associar à realidade dos alunos, ao mesmo tempo em que o projeto estava sendo realizado, o seu lugar de vivência e a sua cidade, enfrentava altos índices de violência, pois a Cidade de Campina Grande-PB encontra-se entre as cidades mais perigosas do Brasil, ocupando o 9º lugar no ranking nacional, com estatística de 46 homicídios por 100 mil habitantes e 27º no ranking geral, segundo relatório da fundação *City Mayors*, centro de estudos dedicados a temas urbanos. Também foi possível observar a participação ativa do aluno no decorrer das atividades propostas, visto que os mesmos relataram casos de violência no seu cotidiano fazendo despertar o seu senso crítico a respeito do tema.

Porém os mesmos têm consciência, que para minimizar os índices é necessário à iniciativa de todos, governantes, policiamento, escolas, psicólogos, mais consciência da sociedade, projetos educacionais e culturais que envolvam os jovens, principalmente, os que estão fora da escola às margens da violência e da criminalidade. Assim, pode-se perceber que os alunos tiveram grande interesse, participação e uma aprendizagem significativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto de intervenção mostrou-se bastante eficaz, pois foi possível associar o conhecimento escolar com o acadêmico conseguimos assim, atuar como mediadores do processo ensino-aprendizagem, desempenhando nosso papel de professores em construção do conhecimento enquanto aluno bolsista do Subprojeto Geografia/PIBID-UEPB.

No desenvolver das atividades do projeto, observou-se o impacto do tema abordado, pois foi possível relacionar a temática à realidade dos alunos, pois ao mesmo tempo em que o projeto estava sendo realizado, o lugar de vivência e a cidade de Campina Grande enfrentam altos índices de violência, justificando assim, a relevância da aplicação do projeto e das atividades de conscientização que, além de serem bem aceitas na turma e na referida escola, vem sendo muito importantes para o desenvolvimento pessoal e social de todos os envolvidos nas atividades.

A aplicação das atividades de intervenção mostrou-se bastante significativa, trazendo bons resultados, por meio das aulas expostas os alunos puderam construir um diálogo, interagir e compartilhar conhecimentos.

Comprovou-se, por fim, que a prática de ensino e aprendizado é um processo contínuo, que necessita de novas metodologias, buscando sempre uma didática de ensino que se enquadre com a turma que está sendo trabalhada, para que o conhecimento aconteça de forma inovadora, onde todos participem do processo ensino-aprendizagem.

A violência é um problema social que vem crescendo em todo o mundo seja nos países desenvolvidos ou subdesenvolvidos, se espalhando por diversas áreas, tanto na zona Urbana quanto na Zona Rural. Foi um tema bastante conhecido dos alunos, no qual eles relataram casos e também puderam se aprofundar conhecendo outros casos relatados das trocas de experiência e conhecimentos vivenciados entre eles.

Diante do exposto, o tema Violência, abordado e desenvolvido em sala de aula com os alunos participantes do projeto, foi de suma importância, visto que está cada vez mais em exposição no seu espaço de vivência, na sociedade em que estão inseridos e também nos meios de comunicação de massa, sendo sempre explicitados em diferentes formas, causas e consequências tanto para os envolvidos como para toda sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** / Miriam Abramovay et alii. – Brasília : UNESCO, BID, 2002. 192 p

AZANHA, José Mário. Política e Planos de Educação no Brasil: alguns pontos para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, n.85. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1993, p. 70-78.

BELO, E. M; FERREIRA, G. H. C. **A importância da geografia em sala de aula: o desafio de um ensino capaz de formar o cidadão.** Linguagem Acadêmica, Batatais, v. 2, n. 2, p. 65-82, jul./dez. 2012.

BONA JÚNIOR, Aurélio. O ensino de filosofia e o pensamento educacional de Antônio Gramsci: algumas aproximações. **Revista Cavaqueira**, ano1, n.1, União da Vitória: FAFIUV, 2008.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino? **Revista Terra Livre**, n. 16. (p. 133-152). São Paulo, 2001

CARVALHO JUNIOR, Ronaldo P. Pré-vestibular social: geografia. v. 1 / Ronaldo P. de Carvalho Junior, Sonia V. G. da Gama, Carla M. Salgado – 5. ed. rev. – Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2014.

CASTROGIOVANNI, Antônio. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** – Porto Alegre: Mediação, 7.ed, 2009.

CAVALCANTI, L de S. **A cidade e seus lugares: Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e a formação para participação em sua gestão**, 2007.

Dados disponibilizados pela revista Veja-publicado em 13 de janeiro de 2015. Acessado em 28/11/2017. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/cidades-sem-fronteiras/das-50-cidades-mais-perigosas-do-mundo-um-terco-fica-no-brasil-saiba-quais-sao-e-qual-e-a-mais-violenta-do-pais/>

FERNANDES, Manoel. **Aula de geografia e Algumas Crônicas.** Campina Grande: Bagagem, 2008. 109p.

FERREIRA, A,B,H. **Mine Dicionário Aurélio.** 4ª Edição, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, 1921 - F934c **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, antes de mais nada para se fazer guerra.** Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977

LEITE, Maria Aparecida. **Diversidade Cultural no contexto escolar.** 2014, 48p. :Il. Color. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5737/1/PDF%20-%20Maria%20Aparecida%20Leite.pdf> Acesso em: 16 de novembro de 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática.** Goiânia: Alternativa, 2004

MALANSKI, Lawrence Mayer. **GEOGRAFIA HUMANISTA: PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL.** Revista Geográfica de América Central. Nº 52 ISSN 1011-48X, enero-junio 2014 pp. 29-50.

MENDES, Francielle de França. Ensino de Geografia: Limites e possibilidades na utilização de charges. **Revista Eletrônica Georaguaia.** Barra do Garças-MT. v2, n.1, p 86 - 100. janeiro/julho. 2012

MENEZES, Victória Sabbado. **A Historiografia da Geografia Acadêmica e Escolar: uma relação de encontros e desencontros.** Geographia Meridionali, 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/index> Acesso em: 28 de Julho de 2017.

MIRANDA, Márcia Mathias de. **Sociedade, Violência e Políticas de Segurança Pública: da intolerância à construção do ato violento.** Disponível em: <http://www.machadosobrinho.com.br/revista_online/publicacao/artigos/Artigo01REM3.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

MORAIS, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica.** 14º Edição. Editora HUCITEC. São Paulo, 1995.

MORAIS, R. A. **Educação e novas tecnologias.** UNB/DF, 2005.

MOREIRA, Suely Aparecida Gomes, e Ulhôa, Leonardo Moreira. Ensino em Geografia: desafios à prática docente na atualidade. Uberlândia: **Revista da Católica.** v. 1, n. 2, p. 69-80, 2009.

MOURA, Rosa. REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES (Serie documental de Geo Crítica) de Barcelona ISSN: 1138-9796. Depósito Legal: B. 21.742-98 Vol. XIII, nº 786, 5 de junio de 2008. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-786.htm> Acesso em: 18 de Novembro de 2017.

PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra. **Práticas de ensino e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2010. 2. ed. 221p.

PEREIRA, Suellen Silva. A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino – uma proposta didático-pedagógica. **Geografia Ensino e Pesquisa**. Vol. 16, n. 3, set/dez. (2012). Comitê Editorial.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal. Leituras de mundo/leituras de espaço: um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001, 101-121 p.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. João Pessoa, 2007. Dissertação (Mestrado) UFPB/CCEN.

PONTUSKA, n. n.; paganelli, t.i; cacete, n. h. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Ed.Cortez, 2007.383p.

PUNTEL, Geovane Aparecida. **A Paisagem no ensino da Geografia**. Disponível em:< <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/download/130/85>>. Acesso 28 de out. de 2015

SILVA, JMAP., and SALLES, LMF., orgs. *Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo*. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 182 p. ISBN 978-85-7983-109-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento; ALMEIDA, Cláudia Zamboni. **Interface gráfica e mediação pedagógica em ambientes virtuais: algumas considerações**. Disponível em http://ccet.uces.br/pos/especializa/ceie/ambiente/disciplinas/pge0946/material/biblioteca/sacramento_zamboni_conahpa_2005.pdf. Acesso em: 14 dez. 2015

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VASCONCELLOS, Celso. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**.10 ed. São Paulo, SP. Libertad, 2000

ZATTA, Celia Inez; AGUIAR, Waldiney Gomes de; O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>, Acessado em 02 de novembro de 2017.

APÉNDICE:

**Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
– PIBID- Subprojeto de Geografia.
Entrevista aplicada junto à turma participante.**

- 1 – O que você entende por violência?
- 2 – Você considera seu bairro violento? Explique.
- 3 – Quais as formas de violência são mais frequentes em seu bairro ou na sua Cidade?
- 4 – Você já foi vítima de algum tipo de violência, seja física ou verbal?
- 5- Você já presenciou algum tipo de violência?